



CONFERENCIA EPISCOPALA DA TOSCÂNIA – ITÁLIA

Nota pastoral: «MAGIA E DEMÓNIOS»

Prefácio de Dom Manuel Cordeiro, bispo de Bragança- Miranda

Texto original publicado em 15 de abril de 1994

CRITÉRIOS PARA UMA CORRETA LEITURA DA NOTA¹

Esta nova edição da Nota Pastoral dos Bispos da Toscânia, intitulada Magia e Demonologia,² oferece a oportunidade para esclarecer melhor o objetivo que levou os bispos a falar sobre este tema. Certamente não foi para satisfazer a curiosidade sobre estas questões ou dar-lhes mais visibilidade do que elas já têm. O seu desejo está bem sintetizado no título do último parágrafo da Nota: «O absoluto e insubstituível senhorio de Jesus Cristo».

Os bispos pretendem sustentar a fé de todos os fiéis na vitória que Cristo alcançou sobre o Maligno. Uma vitória que deve libertar do medo e da procura de meios mágicos para enfrentar as dificuldades da vida, que se apresentam com o aspeto de dramatismo e sofrimento muito intensos, especialmente numa sociedade como a nossa.

O Senhor Jesus, e somente Ele, tem o poder de derrotar o acusador dos homens para tornar vitoriosos os seus irmãos. E isto através de uma vida normal, diária, vivida na grande família da Igreja. Uma vida de fé, aumentada dia a dia pela oração a Deus Pai, pela frequência dos sacramentos, pela comunhão com os seus irmãos; uma fé vivida e testemunhada nas várias situações da vida a que todo o cristão é sujeito. Jesus ama-nos e liberta-nos do pecado, podemos realmente dirigir-nos a Ele com o coração de filhos em qualquer situação de necessidade. Esta é a essência da Nota. Por isso, acho que vale a pena destacar alguns critérios para a sua leitura e gostaria de os enumerar brevemente.

Em primeiro lugar, esta Nota deve ser considerada na sua totalidade. O leitor não deve extrapolar a partir dela qualquer frase ou passagem, talvez relativa a problemas levantados pela comunicação social, como os relacionados com as técnicas de magia ou posse demoníaca. Pelo contrário, é preciso estudo e paciência para levar em conta todos os conteúdos apresentados segundo uma hierarquia, que encontra exatamente no último parágrafo a sua chave. O cristão sentir-se-á então encorajado a não encontrar senão em Cristo a sua própria salvação e, quando se sentir necessitado e na provação, saberá voltar-se para Cristo segundo os preceitos normais que a Igreja coloca à disposição para a nossa vida quotidiana.

Um segundo critério de leitura é oferecido especialmente aos sacerdotes. São aconselhados a não cair num preconceito racionalista perante fenómenos extraordinários relacionados com a possibilidade da ação do Maligno e a reconhecer

¹ Este ponto «Critérios», foi publicado na reedição da revista de 1997 (N. do T.)

² Em português, a exemplo da versão espanhola, a Nota Pastoral tem como título Magia e demónios (N. do T.)

que essa possibilidade, embora extrema, existe. Eles sabem que o Maligno atua normalmente fazendo com que o homem caia no pecado. No entanto, como pastores humildes e sábios, não podem negar a possibilidade da sua ação extraordinária que os ajudará a discernir com prudência e discricção. Isto é recomendado de modo especial aos exorcistas, que exercem na dependência dos bispos, com a consciência de estarem investidos de uma missão, que é uma missão da Igreja, a qual têm de servir e de que, em qualquer momento, devem estar preparados para dar conta aos seus pastores. Aos sacerdotes expressamente se recomenda que evitem, a si e aos fiéis, o risco oposto: o de uma credulidade fácil que impele a ver, sempre e em qualquer caso, a ação extraordinária do Maligno, esquecendo que ela comumente é de longe a mais maciça e insidiosa. Será, todavia, seu cuidado estar atentos ao sofrimento daqueles que se lhes dirigem por causa destes problemas, ajudando-os a encontrarem o sentido cristão da existência que a sua provação encerra.

Surge assim o terceiro critério. Ele é oferecido às comunidades cristãs, para que, por serem verdadeiramente missionárias, saibam proclamar com clareza o acontecimento da morte e ressurreição de Cristo como a figura na qual todos os aspetos da existência encontram explicação. A comunidade cristã é chamada a tomar-se local do encontro visível com Cristo, das relações renovadas em seu nome e da partilha com todos aqueles que se encontram tanto em necessidade material como espiritual. Deve ser uma célula viva na qual o homem de hoje, muitas vezes, presa do pânico e da ansiedade, apesar das tecnologias sofisticadas da nossa civilização, pode encontrar a paz em Cristo Senhor.

Os bispos da Toscana quiseram, com particular referência à situação sociocultural da sua terra, repropor o ensino tradicional da Igreja sobre o tema da magia e demonologia. Fizeram-no para permitir às suas comunidades caminharem mais seguras. Estão certos de que a entrega a Maria ajudará o seu povo a viver aquela pobreza de espírito na qual resplandece uma fé luminosa e uma humanidade libertada.

Os bispos da Toscana desejam que aqueles que, mesmo os de fora da sua região, ao tomarem contacto com esta Nota, cumpram as intenções profundas que animaram este seu ato do Magistério.

+ ANGELO SCOLA, Bispo de Grosseto

Nota pastoral: «MAGIA E DEMÓNIOS»

«Quando entrares na terra que o SENHOR, teu Deus, te há de dar, não imites as abominações daquelas gentes. Ninguém no teu seio faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha; ou se dê a encantamentos, aos augúrios, à adivinhação, à magia, ao feiticismo, ao espiritismo, aos sortilégios, à evocação dos mortos, porque o SENHOR abomina todos os que fazem tais coisas.» (Dt 18,9-12)³

«O Senhor abomina todos os que fazem tais coisas»

A advertência bíblica é hoje mais atual que nunca. Como bispos da Toscana sentimo-nos na obrigação de o recordar com clareza aos nossos fiéis. Assistimos a um retorno impressionante das práticas mágicas. O fenómeno tende a impor-se na vida coletiva e pessoal de milhões de indivíduos, inclusivamente entre os cristãos. Segundo os dados mais recentes, os que «recorrem à magia»⁴, em Itália, atingem quase a cifra de 12 milhões de pessoas.⁵ Este fenómeno preocupa-nos como sinal de uma grave situação de perturbação existencial, mas também pelos pressupostos de pensamento e pelos comportamentos práticos que engloba.

A difusão atual da magia

À magia de origem agrícola e pré-industrial, enraizada na história dos nossos povos, sobrepõem-se hoje formas de adivinhação disfarçadas numa miscelânea de culturas, de «psicologia selvagem» e referências esotéricas.

Magos e mistificadores, falsos profetas e iluminados presunçosos atraem e enfeitiçam adeptos, arrebatam-lhes o seu dinheiro, ao apresentar como «revelações» e «verdades secretas» conceitos de vida de uma pobreza assombrosa e — o que é pior — que se afastam da verdade da fé.

Os mágicos, que atribuem a si próprios o poder de resolver problemas de amor, de saúde e de riqueza, ou ainda os que pretendem libertar do «mau-olhado», de «feitiços», são indivíduos que fazem a sua própria publicidade através de anúncios pagos nos jornais diários de grande circulação, exibem diplomas ou outros

³ Seguimos, nas transcrições bíblicas, a tradução da Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, texto da 4.^a edição revista sob a direção de Herculano Alves, janeiro de 2003, reimpressão janeiro de 2005. [N. do T.]

⁴ Uso de aspas e itálicos de acordo com o original. (N. do T.)

⁵ Convém ter em conta que, em meados da década de 1990, a Itália contava uma população perto de 60 milhões de habitantes (N. do T.)

comprovativos universitários e chegam mesmo a aparecer nos meios audiovisuais, sobretudo na televisão. Não é exagero falar de uma «indústria da magia».⁶

As razões do fenómeno

Como é possível explicar que numa época que se caracteriza por um desenvolvimento tão rico e vasto do pensamento científico e racional se constate uma difusão tão ampla de atividades do tipo mágico-ocultistas? O incremento do fenómeno, pelo menos em termos gerais, pode estar ligado a questões existenciais, como a necessidade de conceções englobantes ou totalizantes da vida, capazes de justificar o mistério que a rodeia, a procura de libertação da dor, do mal e do medo da morte, a procura de seguranças que permitam ultrapassar situações de angústia e de temor, as incertezas do amanhã e a necessidade de encontrar pontos de referência, sobretudo depois da queda do mito (iluminista) do progresso e do derrube das ideologias populistas e burguesas. Questões reais e dramáticas que levam alguns a tomar o atalho recorrendo a estruturas ou pessoas que se apresentam sob a aparência do «sobrenatural», esperando destas a solução para as interrogações e as dificuldades do momento atual.

Também se dirige para aqui a procura confusa de «factos extraordinários e milagrosos» que, inclusivamente, se encontram em meios cristãos: uma procura que recorre por vezes a um falso misticismo ou a fenómenos de «revelações privadas» e que chega até a transmutar-se em referências demonológicas, sem qualquer comprovação racional e fora de uma autêntica maturidade da fé. Entre as causas da difusão da magia há que considerar certamente uma grave carência de evangelização que não possibilita aos fiéis assumir uma atitude crítica perante propostas que não apresentam senão um sucedâneo do sentido religioso e uma triste mistificação do conteúdo autêntico da fé.

Gravidade do fenómeno

Por outro lado, o fenómeno da magia apresenta-se sob aspetos notavelmente diversificados e complexos. Isto abrange desde formas gerais de superstição a práticas mágicas de diferentes níveis, desde a adivinhação ao espiritismo, chegando inclusivamente a grupos e seitas satânicas que organizam reuniões e missas negras. Como lucidamente observou o cardeal J. Ratzinger (papa Bento XVI)⁷:

«A cultura ateia do Ocidente moderno vive ainda graças à libertação do medo e dos demónios trazida pelo Cristianismo. Porém, se a dita luz redentora de Jesus Cristo chegar a extinguir-se, pese embora toda a sua sabedoria e tecnologia, o mundo mergulhará no terror e no desespero. Já existem sinais

⁶ No ano de 2012 houve, em Portugal, dois programas, em duas televisões privadas, sobre o que podemos designar «espiritismo», onde se fazia a evocação dos mortos com a intervenção de *médiuns* estrangeiros como solução para os males que afligiam as pessoas, normalmente os familiares dos falecidos (alguns de morte violenta). [N. do T.]

⁷ À data deste Nota Pastoral (1994), Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé (N. do T.)

*que indicam o retorno de forças obscuras, enquanto no mundo secularizado os cultos satânicos estão a aumentar».*⁸

O sentido desta Nota

Como bispos a quem foi confiada a responsabilidade das Igrejas particulares da região toscana, sentimo-nos na obrigação de intervir neste tema para prevenir os fiéis e as nossas comunidades contra a invasão de orientações de pensamento e de comportamento que abalam as próprias raízes da fé e o seu verdadeiro significado.

Nesta Nota ocupamo-nos dos fenómenos que dizem respeito à ciência, desde a medicina à psiquiatria, à parapsicologia, certas investigações científicas sobre astrologia ou sobre factos de curas de distintas naturezas, ou sobre relações entre o paranormal e a religião. A nossa intervenção é exclusivamente de natureza teológica e pastoral.

Analisamos o fenómeno da magia nas suas distintas formas (primeira parte); recordamos a posição doutrinal da Igreja (segunda parte); detemo-nos sobre os problemas específicos do «malefício» e da «possessão diabólica», indicando o sentido e as condições de intervenção da Igreja (terceira parte). A conclusão insiste sobre a necessidade de uma nova evangelização, indicando a prevenção dos fenómenos denunciados e propondo de maneira positiva um cristianismo adulto, capaz de discernimento baseado na sabedoria de um anúncio do autêntico «Evangelho da Salvação», de caridade, e de oração perante situações de sofrimento. A consciência que fundamenta a nossa intervenção surge da fé na vitória do Senhor ressuscitado sobre o mal e sobre o Maligno: uma vitória que leva os cristãos a compreenderem a sua existência em termos de uma nova vida em Jesus Cristo, de luz e de graça.

⁸ J. RATZNGER, Diálogos sobre a fé, Lisboa, Verbo, 1985.

CAPÍTULO I

A MAGIA E AS SUAS FORMAS

Distinção objetiva entre religião e magia

O problema de uma definição de magia é em si mesmo difícil, dada a diversidade de fenômenos. Contudo, parece que há um dado fundamental aceite pelos peritos: a distinção objetiva que se deve fazer, no plano antropológico e cultural, entre «religião» e «magia». A distinção deriva da forma em que ambas as experiências se referem ao que é transcendente:

— A religião refere-se diretamente a Deus e à sua ação, de tal maneira que não existe nem pode existir nenhuma experiência religiosa sem esta referência.

— A magia implica uma visão do mundo que crê na existência de forças ocultas que exercem uma influência sobre a vida do homem e, sobre as quais, quem a pratica (ou o seu «beneficiário») pensa poder exercer um controle mediante práticas rituais capazes de produzir automaticamente resultados; o recurso à divindade — quando existe — é meramente funcional, ficando subordinado a essas forças e aos efeitos desejados.

Certamente a magia não admite nenhum poder superior a ela própria; afirma que pode forçar os próprios «espíritos» ou os «demónios» invocados para que se apresentem e cumpram o que se lhes pede. Contudo, hoje, quem recorre à magia não pensa em dirigir-se primeiramente a Deus — ao Deus pessoal da fé e à sua providência sobre o mundo, mas antes a forças ocultas impessoais, sobre-humanas ou que vagueiam sobre o mundo, que reinam sobre a vida do cosmo e do homem. Pensa que deve defender-se contra essas forças recorrendo a gestos, para as esconjurar, e a amuletos, ou ainda pressupõe que pode obter algum benefício mediante fórmulas de encantamento, poções ou ações relacionadas com os astros, a criação ou a vida humana.

É neste contexto que se insere o carácter produtor do ato mágico, que não admite — uma vez ativado segundo as modalidades requeridas — nenhuma possibilidade de fracasso. Isto apresenta-se sob distintas formas. Existe a magia imitativa; segundo ela, o semelhante produz o semelhante: verter água sobre a terra trará chuva; perfurar os olhos de uma boneca provocará, na pessoa que esta representa, cegueira ou morte. Existe a magia contagiosa; para ela, o contíguo atua sobre o contíguo, ou uma parte sobre o todo, de tal maneira que basta pôr em contacto duas realidades, animadas ou inanimadas, para que uma força maléfica ou benéfica se transmita de uma a outra: desta forma «tocar ferro» ou «atirar sal» afastará as influências negativas ou «feitiços», em virtude dos poderes especiais que os ditos elementos contêm. Finalmente, existe uma magia encantadora, que atribui um poder especial a fórmulas ou ações simbólicas, considerando-as capazes de produzir os efeitos invocados ou indicados pelas ditas fórmulas.

Seja qual for a forma pela qual se expresse, a magia representa um fenómeno que não tem nada que ver — no plano objetivo — com o autêntico sentido da religião e do culto a Deus. Pelo contrário, é sua inimiga e antagonista. Com redobrada lógica, a razão científica contemporânea (ou simplesmente a razão essencial) considera a magia como uma forma de irracionalidade, seja com respeito a concepções pré-lógicas que se atribui, seja em relação aos meios que ativa ou aos objetivos que procura. Entre os peritos existem diferentes opiniões sobre a origem da magia. Alguns situam a sua origem numa autossugestão ou numa «neurose obsessiva» do indivíduo ou da sociedade. Outros explicam-na como uma reação de defesa contra — ou uma deformação de — a ideia da Divina Providência. Alguns, indo mais além, veem na magia a expressão de uma vontade de poder do homem, orientada para a realização do seu sonho arquetípico: ser Deus. De facto, seja qual for a explicação da qual se parta, através da crença mágica manifesta-se uma espécie de reedição desta tentação das origens que foi a raiz do primeiro pecado, presente no coração do homem como uma tendência ou sugestão encapotada do Tentador.

Possibilidades de influência do pensamento mágico sobre o comportamento religioso

Deve observar-se, por outro lado, que embora religião e magia representem objetivamente dois fenómenos distintos, por vezes, subjetivamente, podem convergir em certos aspetos, e isto pode acontecer na própria vida dos cristãos.

O pensamento mágico caracteriza-se por duas atitudes essenciais: o sentimento do desejo de obter algo que não se possui ou o sentimento do temor que leva a pensar que se podem colocar poderes ocultos ao serviço de um só, e a separação nítida entre o rito e a vida. Para poder responder a tais requisitos, a magia, baseando-se na crença em forças misteriosas capazes de alcançar para lá das forças físicas naturais, organiza rituais aos quais atribui uma eficácia direta, independentemente de Deus e da sua ação, para alcançar o efeito esperado ou ansiado pelo desejo. O carácter operativo dos ditos rituais não tem nada a ver, na perceção da pessoa, com a sua atitude ética e as suas opiniões existenciais. Com efeito, devido à sua estrutura fundamental, a magia não implica, per se, nenhum vínculo com as opções morais da pessoa nem com os seus deveres: um indivíduo pode ter um comportamento repreensível ou viver em situações de erro, egoísmo e ódio, que nada disso, pelo menos em princípio, poderá resultar num impedimento, uma vez que o ritual mágico realizado com exatidão ou repetido infatigavelmente pretende produzir os efeitos que se lhe atribuem.

É evidente que o verdadeiro significado da religião, e sobretudo a noção cristã da liturgia, nada têm que ver com esses componentes do pensamento mágico. Apesar disso, subjetivamente, podem criar-se sobreposições e mesmo colisões. Precisamente porque a origem da magia não se encontra na razão, mas no plano do sentimento, é possível encontrar também num crente uma dissociação do mesmo tipo: através da razão torna-se claro que apresenta atos cristãos nos quais sabe que Deus e a sua graça estão presentes; mas no plano do sentimento, o que funciona no

cristão pode ser uma atitude de tipo mágico, ligada unicamente ao desejo de obter algo ou de fugir a uma força impessoal que teme. Considerações análogas também são válidas para o conceito do gesto sacramental, quando o entendemos de modo automático e «coisificado», fora de um correto conceito de Deus e do próprio sacramento, ou quando se separa do estabelecido pela fé e da resposta de vida que exige. O rito sacramental, pelo qual age a graça de Cristo, exige o compromisso pessoal do crente e a adequação da vida ao que se proclama mediante o ato celebrativo e se recebe como um dom de Deus. Queremos advertir os nossos fiéis sobre esses perigos, e convidá-los a uma redescoberta permanente do autêntico sentido do «rito» da Igreja referente a uma verdadeira maturidade da fé e a uma real correspondência entre o que se crê, o que se celebra e o que se vive. Na verdade, existe uma relação inseparável entre a fé, o culto e a vida cristã.

O objetivo desta Nota, contudo, não é examinar primeiro o perigo de uma interferência do pensamento mágico com o comportamento dos cristãos, mas antes denunciar o fenómeno da magia em si mesma e sob as suas diferentes formas, embora nunca devam esquecer-se as consequências que pode ter sobre a vida e a prática litúrgica dos fiéis.

«Magia branca» e «magia negra»

Tradicionalmente, distingue-se a «magia branca» da «magia negra». Esta diferença tem um sentido, particularmente no que toca ao diferente nível de responsabilidade moral que encerra.

A expressão «magia branca» pode relacionar-se com duas práticas muito distintas. Pode entender-se como a arte de realizar prodígios através de meios naturais; neste sentido, equivale aos jogos de prestidigitação ou aos fenómenos de ilusionismo. É evidente que semelhante arte, por não utilizar elementos ilícitos e não ter objetivos desonestos, em si mesma é inofensiva e legítima.

Não nos referimos a isto na nossa Nota. Mas é totalmente diferente se, 'por «magia branca»', se entendem formas de intervenção que pretendem alcançar objetivos, ainda que sejam aparentemente benéficos, como o restabelecimento de uma relação sentimental, a cura de uma doença, a resolução de problemas económicos, etc., etc., recorrendo ao uso de meios inadequados como talismãs, amuletos e poções, crenças na existência de laços entre o deitar de cartas e pessoas e acontecimentos, ou ainda recorrendo a práticas médicas centradas em artes ocultas ou poderes pretensamente «sobre-humanos». É claro que, neste caso, entram em jogo tanto formas de superstição quanto burlas e atitudes enganosas, contrárias à própria natureza da fé e, portanto, ilícitas e inaceitáveis, quando não resultam mesmo perigosas para a própria integridade psicofísica e a vida moral daqueles que são vítimas de tais práticas.

Contudo, mais grave é a «magia negra». De forma direta ou indireta, recorre a poderes diabólicos, ou, de qualquer maneira, pretende atuar sob a sua influência. Como regra geral, a «magia negra» persegue fins maléficos (provocar doenças, desgraças, morte) ou influenciar o curso dos acontecimentos para seu próprio

interesse, especialmente para tirar proveito pessoal, tais como honras, riquezas ou coisas semelhantes. Chama-se «magia negra» devido aos métodos a que recorre e aos objetivos que visa alcançar. Esta forma de magia é uma verdadeira expressão do anticulto, que procura que os seus seguidores se transformem em «servidores de Satanás». Compreende todos esses ritos esotéricos, com fundo satânico, que tem o seu ponto culminante no que se denomina por «missas negras». Certamente, semelhante forma de magia não se explica sem uma influência do «pai da mentira» (Jo 8,44) que, como ensinam as Escrituras, tenta por todos os meios desviar o homem da verdade e conduzi-lo ao erro e ao mal (cf. 1Pe 5,8), apesar da derrota que sofreu com a chegada do Filho de Deus (cf. LC 10,18) e o triunfo glorioso da sua ressurreição (cf. FI 2,9).

Adivinhação e espiritismo

À magia, sob essas duas formas, liga-se a adivinhação: uma prática que, em sentido estrito, constitui uma tentativa de querer predizer o futuro partindo de signos tirados da natureza, ou ainda utilizando a interpretação de presságios ou de malefícios de diferentes origens; num sentido mais amplo, normalmente entre gente mais simples, representa uma mistura de credulidade e de intenções ingénuas que se baseiam no conhecer por antecipação, mediante o uso de meios ou artes especiais, algum facto que sobrevirá.

Fazem parte da adivinhação: a astrologia (pretender circunscrever o futuro livre dos homens, nos astros ou no ordenamento das estrelas), a cartomancia (predizer o futuro mediante as cartas, os tarots), a quiromancia (decifrar as linhas das mãos), e formas parecidas.

A pior expressão da adivinhação, e a mais grave, é a necromancia ou espiritismo, isto é, recorrer aos espíritos dos mortos para entrar em contacto com eles e revelar o futuro ou algum dos seus aspetos. As sessões de espiritismo pertencem a esse tipo de magia. Durante essas sessões, os participantes e os médiuns (versão moderna dos antigos nigromantes) tratam de invocar as almas dos defuntos (por exemplo, supostas gravações de vozes de além-túmulo): na realidade, introduzem uma forma de alienação referente ao presente e uma mistificação da fé no que está para o além, geralmente mediante artimanhas, atuando de facto como instrumentos das forças do mal, que utilizam frequentemente com objetivos destruidores, destinados a confundir o homem e a afastá-lo de Deus.

Interagindo nestes diferentes tipos de adivinhação, encontramos grupos esotéricos e ocultistas de origem antiga ou surgidos recentemente (da teosofia à antroposofia, até à *New Age*) que pretendem «abrir a porta» e penetrar no conhecimento de verdades ocultas e adquirir poderes espirituais especiais. Tais grupos engendram uma enorme confusão no espírito das pessoas, especialmente dos jovens, e conduzem a comportamentos extremamente discutíveis e graves do ponto de vista cristão.

Também não se pode esquecer esse grande movimento, por sua vez iniciador e mágico, que é a maçonaria. Pelo menos em alguns desses grupos e em formas que derivam deles. Na maioria dos casos trata-se de uma reedição de cultos gnósticos que voltam a propor a antiga ideia de magia como vontade de poder, esforçando-se por colocar as forças ocultas (boas ou más), que se pensa que estão ativas no mundo, ao serviço da sua própria causa. Esses grupos se apresentam como «caminhos de salvação» (daí o seu carácter secreto, os rituais desenvolvidos e o recurso à figura de um líder dotado de poderes excepcionais), por vezes, utilizando o próprio nome de Jesus Cristo ou recorrendo a ritos que pretendem ser «sacramentais».

É evidente que não se podem aceitar esses grupos nem as suas práticas. No lugar do sentimento religioso, da busca de Deus e da vida sacramental, introduzem práticas mágicas, sistemas de pensamento e de vida totalmente incompatíveis com a verdade da fé.

Inclusivamente, encontram-se grupos onde ocorrem abusos de tipo sexual, com consequências preocupantes para com as pessoas envolvidas, quer a nível moral quer psíquico. Nunca nos cansaremos de advertir os fiéis contra o perigo dessas seitas e dos seus erros, repetindo a exortação de Paulo a Timóteo:

«Virão tempos em que o ensinamento salutar não será aceite, mas as pessoas acumularão mestres que lhes encham os ouvidos, de acordo com os próprios desejos. Desviarão os ouvidos da verdade e divagarão ao sabor das fábulas» (2Tm 4,3-4), ou ainda a advertência de João: «Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus, pois muitos falsos profetas apareceram no mundo» (1Jo 4,1).

O conhecimento integral do Evangelho e o encontro vivido com Cristo na Igreja, sua Esposa, representa o melhor antídoto para essas formas de neopaganismo. No entanto, é necessário que os crentes sejam convenientemente evangelizados quanto aos fundamentos na fé no Senhor ressuscitado, recebam a sua Palavra e os seus sacramentos e façam a experiência autêntica da oração e da vida eclesial.

CAPÍTULO II

JUÍZO DOUTRINAL DA IGREJA

«Eu sou o Senhor, teu Deus»

No geral, a Igreja não se preocupou muito com uma abordagem analítica do fenómeno da magia; no entanto, a condenação desta foi constante e inequívoca, segundo o que ensinam as Sagradas Escrituras. Conhece-se a extrema dureza do Antigo Testamento contra quem pratica a magia (cf. Ex 22,17; Lv 20,27). A razão de tanta severidade reside no facto de a magia ser uma recusa do Deus único e verdadeiro:

«Não vos volteis para o espírito dos mortos nem consulteis os adivinhos. Não vos contamineis com isso. Eu sou o SENHOR, vosso Deus» (Lv 19,31). «Se alguém se voltar para os espíritos dos mortos e adivinhos, entregando-se a essas práticas, voltarei o meu rosto contra esse homem e suprimi-lo-ei do meio do seu povo. Santificai-vos e sede santos, porque Eu sou o SENHOR, vosso Deus» (Lv 20, 6-7).

Segundo a Bíblia, a magia representa um ato de apostasia para com o Senhor, único salvador do seu povo (cf. Dt 13,6) e equivale a um gesto de rebelião contra Deus e a sua Palavra (cf. 1Sm 15,23).

«Eu e só Eu é que sou o SENHOR. Não há outro salvador além de mim. Eu é que predisse e salvei. Eu é que anunciei, e não há nenhum outro no meio de vós. Vós sois as minhas testemunhas — oráculo do SENHOR. Eu é que sou Deus» (Is 43,11-12).

Uma coisa é a profecia, anunciadora da salvação do Senhor, e outra coisa os presságios de adivinhos e magos, portadores de falsidade e engano (cf. Jr 27,9; 29,8; Is 44,25; 47,12-15). Entregar-se à magia é como entregar-se à prostituição:

«O meu povo consulta o seu pedaço de pau, e o seu cajado faz-lhe revelações, porque o espírito de prostituição o perde: eles prostituíram-se, afastando-se do seu Deus» (Os 4,12; cf. Is 2,6; 3,2-3).

O livro da Sabedoria põe em destaque, ironicamente, o modo como os ritos mágicos em vez de salvar conduzem a uma situação ainda pior:

«Os artificios da magia mostravam a sua impotência, e a sua pretensão de inteligência conhecia um fracasso humilhante, pois os que prometiam afugentar os medos e as perturbações da alma doente, esses mesmos eram vítimas de um pânico ridículo» (Sb 17,7-8).

O Novo Testamento segue a mesma linha quando, ao pedir a fé no único Senhor Jesus e o Batismo em seu nome, exige recusar todo o pensamento e todo o comportamento mágico (cf. At 8,9-13; 19,18-20). Existe, por certo, uma oposição nítida ente o anúncio da fé e a magia (cf. At 13,6-12; 16,16-24). Os verdadeiros crentes devem confiar no único profeta, o Senhor Jesus, o Filho encarnado do Pai

(cf. Mc 1,11), e nas Escrituras dadas pelo Espírito Santo à sua Igreja (cf. 2Pe 1,16-21). A «bruxaria», seja qual for a forma sob a qual se manifeste, faz parte das obras que afastam do Reino de Deus (cf. Gl 5,20), tanto assim é que o Apocalipse exclui da Jerusalém celeste os mentirosos e os «bruxos» de todo o tipo (Ap 9,21; 18,23; 21,8; 22,15).

«Mas as obras da carne estão à vista. São estas: fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas. Sobre elas vos previno, como já preveni: os que praticarem tais coisas não herdarão o Reino de Deus». (Gl 5, 19-20)

Com certeza, a magia substitui Deus por criaturas e representa uma repetição dessa tentação diabólica à qual o próprio Jesus quis submeter-se, triunfando:

«O Demónio disse-lhe: "Dar-te-ei todo este poderio e a sua glória, porque me foi entregue e dou-o a quem me aprouver. Se te prostrares diante de mim, tudo será teu". Jesus respondeu-lhe: "Ao Senhor; teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto"» (Lc 4,6-8).

A incompatibilidade entre magia e fé

Esse é o ensino constante da fé cristã. E a Didaché, entre os caminhos que conduzem à morte, coloca ao lado da idolatria a magia e os encantamentos.⁹ Taciano, por volta dos finais do séc. II, trava uma dura polémica contra o fatalismo astral, no qual vê uma forma de poder do demónio sobre a humanidade.¹⁰ Hipólito, na Tradição Apostólica, exclui do Batismo os magos, astrólogos e adivinhos.¹¹ Tertuliano pronuncia palavras muito duras contra todos aqueles que praticam magia:

*«De astrólogos, bruxos, charlatães de toda a espécie, não deveria sequer falar-se. No entanto, recentemente um astrólogo, que se diz cristão, cometeu a imprudência de fazer a apologia do seu ofício! Portanto, é necessário recordar, ainda que sucintamente, a esse homem e aos colegas de ofício, que ofendem a Deus colocando os astros sob a proteção dos ídolos e fazendo depender deles a sorte dos humanos. A astrologia e a magia são invenções abjetas dos demónios».*¹²

Esse é um juízo partilhado pela maioria dos Padres da Igreja. Segundo Agostinho, a magia é demoníaca; pelo contrário, a religião cristã é a vitória sobre o poder do demónio e a rutura completa com semelhante mundo.¹³

Perante as dificuldades dos recém-convertidos em abandonar as antigas práticas mágicas, a condenação torna-se tão forte e intensa que acaba por atribuir ao demónio toda a magia, sob todas as suas formas, identificada com a possessão diabólica. Se

⁹ Didaché, 1,5.

¹⁰ TACIANO, *Oratio ad graecos*, 8.11 e 16-19.

¹¹ Sto. HIPÓLITO, *Traditio apostolica*, 41, 1, 5.

¹² TERTULIANO, *De idolatria*, IX, 1.

¹³ Sto. AGOSTINHO, *De doctrina christiana*, II, 35-36.

a posição de São Tomás de Aquino se mostra extremamente equilibrada,¹⁴ numerosos textos, especialmente na Idade Média tardia, atingem acentuações excessivas. Chegou-se a desenvolver a ideia de que o «malefício», como um poder que os seres humanos, especialmente as mulheres, podem exercer sobre os outros, depois de terem negociado com o demónio a venda da sua própria alma, em troca de poderes preternaturais, poderiam exercer tais poderes durante toda a sua vida. Esta ideia que levou, nos séculos XV ao XVIII, à triste história das perseguições contra bruxos e os magos. Acontecimentos que, mesmo levando em conta o contexto da dificuldade daquele tempo e um juízo histórico feito posteriormente, continuam a ser fatos humilhantes para o cristianismo ocidental. Contudo, não devemos esquecer, que, nas mesmas circunstâncias, houve homens corajosos, como Cornelius Loos e o jesuíta E. von Spes, na Alemanha, que, em nome da fé, se opuseram a semelhantes excessos. Em todo caso, os acontecimentos que se desenrolaram no decurso destes séculos, devem levar os cristãos a serem prudentes em julgar que a magia é um efeito direto — sempre e em toda a circunstância — do demónio. Além disso, do ponto de vista teológico, as práticas mágicas não se podem reduzir - especialmente as da magia negra - unicamente a um fenómeno psíquico desviante ou a um simples ato pecaminoso do homem. Não se pode excluir que exista nessas práticas uma ação ou uma dependência de Satanás, o adversário declarado do Senhor Jesus e da nossa salvação.

O diabo — como no-lo ensina o Livro do Apocalipse — empregará, até ao fim dos tempos, todos os seus poderes e a sua sagacidade para enganar os batizados e opor-se à plena realização do projeto de salvação de Deus para o mundo.

«Um duro combate contra os poderes das trevas atravessa, com efeito, toda a história humana; começou no princípio do mundo e, segundo a palavra do Senhor, durará até ao último dia. Inserido nesta luta, o homem deve combater constantemente, se quer ser fiel ao bem, e só com a ajuda de Deus conseguirá realizar a sua própria unidade» (Gaudium et Spes, 37).¹⁵

A magia como ato moralmente ilícito

O cristão não pode aceitar a magia porque não pode permitir que Deus passe a um segundo plano, perante as falsas crenças. Nem tão pouco pode aceitar pensar que a sua vida está dominada por forças ocultas, manipuláveis à vontade, por ritos mágicos, ou que o seu futuro esteja escrito antecipadamente nos movimentos dos astros ou em outras formas de presságio. «Deus — diz o Catecismo da Igreja Católica (CIC) — pode revelar o futuro aos seus profetas ou a outros santos. Mas a unidade certa do cristão consiste em pôr-se com confiança nas mãos da Providência, em tudo quanto se refere ao futuro, e em pôr de parte toda a curiosidade malsã a tal

¹⁴ São TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, 11-111 Q. 95, A 1-8.

¹⁵ Transcrição de acordo com a tradução oficial do documento em português [N. do T.]

propósito. A imprevidência, no entanto, pode constituir uma falta de responsabilidade»¹⁶.

A «magia negra», mais especificamente, representa uma falta muito grave para o crente. Equivale — sob uma forma distinta — à adivinhação e ao espiritismo.

*«Todas as formas de adivinhação devem ser rejeitadas: recurso a Satanás ou aos demónios, evocação dos mortos ou outras práticas supostamente "reveladoras" do futuro. A consulta dos horóscopos, a astrologia, a quiromancia, a interpretação de presságios e de sortes, os fenómenos de vidência, o recurso aos "médiuns", tudo isso encerra uma vontade de dominar o tempo, a história e, finalmente, os homens, ao mesmo tempo que é um desejo de conluio com os poderes ocultos. Todas essas práticas estão em contradição com a honra e o respeito, penetrados de temor amoroso, que devemos a Deus e só a Ele».*¹⁷

Reconhecendo-se chamado por Deus para viver a sua própria existência como resposta livre ao seu projeto de amor através da graça, o batizado afasta toda a forma de práticas mágicas, na medida em que constituem um desvio da verdade revelada, na medida em que são contrárias à fé em Deus Criador e ao culto exclusivo que lhe é devido, opostas ao reconhecimento de Jesus Cristo como único Redentor do homem e do mundo, e ao dom do seu Espírito e, por isso, estão em contradição com a integridade da profissão da fé e são perigosas para a salvação.

*«Todas as práticas de magia ou de feitiçaria, pelas quais se pretende domesticar os poderes ocultos para os pôr ao seu serviço e obter um poder sobrenatural sobre o próximo — ainda que seja para lhe obter a saúde — são gravemente contrárias à virtude de religião. Tais práticas são ainda mais condenáveis quando acornpanhadas da intenção de fazer mal a outrem ou quando recorrem à intervenção dos demónios. O uso de amuletos também é repreensível. O espiritismo implica muitas vezes práticas divinatórias ou mágicas; por isso, a Igreja adverte os fiéis para que se acautelem dele. O recurso às medicinas ditas tradicionais não legitima nem a invocação dos poderes malignos, nem a exploração da credulidade alheia».*¹⁸

A procura de fenómenos paranormais ou de poderes «excepcionais», como as visões à distância, as «viagens» ao além ou a produção de «fluido», também pode ser um extravio e ser perigosa para o justo equilíbrio humano e para a vivência autêntica da fé do batismo. Muitos desses fenómenos pertencem ao domínio da parapsicologia e, portanto, da ciência, ainda que explicá-los seja sempre tarefa árdua e difícil. Por vezes, apresentam uma certa dose de mistério que pode desencadear perguntas sobre o sentido da vida e da morte. Mas, em geral, utilizam-se para fins ambíguos e enganadoramente religiosos, ou ainda com propósitos lucrativos, como acontece em certos casos na nossa própria região.

¹⁶ CIC, n. 2115.

¹⁷ Idem, n. 2116.

¹⁸ Idem, n. 2117.

Advertimos os fiéis para que não se deixem levar por formas parecidas de exploração e nos perigos que isso engloba. O autêntico sentido da fé não necessita desse tipo de referências. Ser discípulo de Cristo, segundo o que nos diz o Evangelho, requer um encontro simples e autêntico com Jesus Cristo, Senhor e Mestre, colocando de parte todas as demais maneiras de procurar o «extraordinário». Crer em Jesus, converter-se à sua Palavra e segui-lo, em comunhão com toda a Igreja, é o paradigma de referência essencial para procurar e prosseguir, como o fizeram milhões e milhões de crentes desde as origens até aos nossos dias, sem se deixar desviar e seduzir por falsos conceitos e vãos comportamentos na procura do milagre.

CAPÍTULO III

MALEFÍCIOS, POSSESSÕES DIABÓLICAS E INTERVENÇÕES DA IGREJA

O malefício e o seu carácter inaceitável

Uma forma especial de magia, que visa prejudicar o próximo, representa-se pelo que se designa malefício. São Tomás de Aquino enumera-o no conjunto dos pecados mortais.¹⁹

Chamamos-lhe vulgarmente «mau-olhado» (o mal que se faz com o olhar) ou «feitiço» (fazer algo simbólico com intenção de desejar o mal ou o prejuízo de alguém). Trata-se de formas grosseiras e populares de magia, umas vezes, ativadas por ignorância ou por ingenuidade, outras vezes, com uma verdadeira intenção de provocar dano. Quem faz disso uma profissão deve o seu nome, *sortiarius*,²⁰ a uma prática muito comum durante a Idade Média, que consiste em prever e orientar a sorte por meio dos seus sortilégios. Por sua vez, o *sortiarius* não é nem mais nem menos que o herdeiro ocidental dos magos da antiga Pérsia e Assíria, que começaram, oficialmente, por estudar os astros e acabaram por recorrer a métodos ocultos procurando assegurar vinganças particulares: teve por seguidores diferentes grupos, na Baixa Idade Média, até aos modernos «bruxos» ou «feiticeiros» de tipo popular ou com um perfil profissional mais elevado.

Encontra-se entre o nosso povo a ideia do «mau-olhado» feito contra alguém. Entendemo-lo, geralmente, como um ato de maldição, um gesto de condenação ou um fenómeno de sugestão capaz de provocar dano a quem é dirigido, sem pensar — pelo menos de uma forma direta ou explícita — num ato de natureza demoníaca. Pese o seu carácter de ingenuidade, esse ato deve ser considerado como inaceitável do ponto de vista cristão, na própria medida em que se apresenta como uma ação contrária à virtude da religião, à justiça ou à caridade. Não é aceitável que alguém se esforce para fazer mal a outra pessoa.

Contudo, mais grave ainda, é a «maldição» de quem tem a presunção de submeter a quem é alvo (elementos inanimados, animais e sobretudo pessoas) do poder ou, ao menos, à influência do demónio. Nesses casos, em que se realize com a dita presunção específica, a «maldição» reveste a forma de «magia negra» e constitui um ato pecaminoso muito grave.

Alguns fiéis interrogam-se existe o «mau-olhado»? Se tem efeitos reais? Se o demónio pode utilizar pessoas más e, portanto, atos, como o «mau-olhado» ou a «maldição», para causar dano a alguém? A resposta é certamente difícil para julgar

¹⁹ São TOMÁS DE AQUINO, *Suma teologica*, II-II, q. 76, a. 3.

²⁰ «Vidente»; «Astrólogo»; «Mago», em português. Na linguagem popular: «adivinho», «bruxo», «feiticeiro».

casos particulares, mas não se pode excluir, em práticas deste tipo, uma certa participação desse ato maléfico ao mundo demoníaco, e vice-versa. Por esta razão, a Igreja sempre recusou e continua a recusar o malefício e todo e qualquer ato que a ele se assemelhe.

Ação de Satanás e possessão

A possibilidade de submeter alguém às forças do mal e, inclusivamente, a Satanás é um dado provado, de diferentes formas, na experiência e na consciência da fé da Igreja. Há que recordar que Satanás pode interferir na vida do homem num duplo nível: através de uma ação ordinária, tentando o homem para que provoque dano (o próprio Jesus aceitou ser tentado), e isto atinge todos os fiéis; e através de uma ação extraordinária permitida por Deus em certos casos por razões que só Ele conhece. Este segundo nível de ação manifesta-se sob duas formas:

- como perturbações físicas ou externas, como se pode constatar em certos fenómenos que se produzem na vida dos santos, ou prejuízos locais provocados em casas, objetos ou animais;
- como obsessões pessoais, quer dizer, pensamentos ou impulsos que assumem um estado de prostração, de desespero, ou de tentação de suicídio;
- como ações diabólicas, devidas a perturbações e enfermidades que chegam a fazer perder o conhecimento, a praticar atos ou a pronunciar palavras de ódio contra Deus, Jesus, o seu Evangelho, Maria e os Santos;
- como uma possessão diabólica, quer dizer como um tomar posse do corpo do indivíduo pelo demónio, que o faz falar ou atuar como quer, sem que a vítima possa resistir-lhe; esta é claramente a situação mais grave.

O Evangelho fala da possibilidade de uma presença diabólica no homem: o sujeito que a sofre transforma-se numa espécie de «morada» que o inimigo tomou (cf. Mc 3,22-27); e descreve intervenções de libertação de Jesus sobre situações deste tipo. Embora seja difícil interpretá-las, não se pode pensar que tais intervenções devam ser compreendidas, todas e sempre, como resposta a situações de dissociação psicológica ou de histeria. A menos que pensemos que Jesus foi vítima de uma superstição primitiva; mas não parece que se possa aceitar que o «tu» que Ele utiliza nos seus exorcismos (p. ex., em Lc 4,35; 8,30-33) seja uma expressão puramente abstrata, que não designa «nada». Para além disso, há que ter sempre em consideração que Jesus intervém não sobre a possessão de ordem física, mas também sobre a de ordem moral.

As formas de influência demoníaca, ainda que misteriosas, não podem ser interpretadas unicamente como situações com fundamento patológico: devem receber uma avaliação teológica, na medida em que se apresentem como antítese ao projeto de salvação de Deus para com as suas criaturas. A pessoa humana, criada à imagem e semelhança do Criador e redimida por Cristo, é chamada à comunhão com Deus e à participação na sua vida trinitária. Este é o acontecimento da graça do

Batismo e o dom do Espírito Santo difundido nos nossos corações. O trabalho de Satanás, nas suas distintas expressões, opõe-se objetivamente à vida de Deus.

Por isso, a Igreja não pode permanecer indiferente perante semelhantes casos; sente-se autorizada para intervir. Como Sacramento da salvação de Cristo, sabe que recebeu o mandato de discernir e esforçar-se, opondo-se a toda a forma de mal ou a toda a força daninha que conduza o homem para o erro e que se oponha à realização da Redenção de Cristo na vida dos crentes. Embora seja difícil discernir quais são os limites entre situações psicóticas e situações de efetiva influência demoníaca, não pode — em nenhum caso — subavaliar a gravidade do sofrimento dos fiéis que se sentem vítimas de tais factos. Tão pouco, pode limitar-se a condenações gerais ou expeditivas. A Igreja compreende o sofrimento desses irmãos e dessas irmãs, e esforça-se por tomar — na pessoa dos seus ministros — uma atitude de compreensão humana e de ajuda, evitando tanto qualquer excesso de racionalismo e de frio desapego, quanto toda a forma de fideísmo ou de ingénuo credulidade.

A liberdade do cristão e a vitória de Cristo

Há que esclarecer que a ação de Satanás, inclusive sobre a forma mais grave que é a possessão, não pode abranger o domínio sobre a alma, mas unicamente a utilização do corpo, como o recorda São Tomás, expressando a esse respeito a posição tradicional da reflexão teológica:

*«Por causa da sua subtileza ou espiritualidade, os demónios podem penetrar nos corpos e residir neles; por causa do seu poder, podem convulsioná-los ou perturbá-los. Portanto, os demónios podem, em virtude da sua subtileza e poder, introduzir-se no corpo do homem e atormentá-lo, a menos que os impeça um poder superior. É o que se chama possuir, assediar. Mas penetrar no íntimo da alma fica reservado à substância divina».*²¹

Quanto aos motivos pelos quais Deus pode permitir a possessão, podem-se enumerar alguns, sem pretender desvendar o mistério das justas deliberações divinas; 1) Para manifestar a sua glória (obrigando o demónio, pela boca do possuído, a confessar a divindade de Cristo ou a glória de Deus); 2) Para castigar o pecado ou corrigir o pecador; 3) Para nos instruir e recordar a luta contra Satanás, a necessidade da oração e da conversão.

Ajuntemos que, não podendo exercer o domínio da alma, o demónio não pode utilizar a liberdade humana tal como utiliza os órgãos corporais para os fazer agir segundo a sua vontade.²² Todos os meios que é capaz de acionar, para induzir o homem a querer o que ele quer, são o medo, o terror e o fascínio do espírito perante o poder extraordinário que se manifesta por meio dos efeitos produzidos sobre o

²¹ São TOMÁS DE AQUINO, In II *sententiarum*, dist. VIII, part. II, a 1, q. 1 e 2.

²² Sto. AGOSTINHO, *De Spiritu et anima*, 27; *De ecclesiasticis dogmatibus*, 50; São TOMÁS DE AQUINO, In IV *sententiarum*, I, II dist. q. 1, a 5, ad 6; *Suma teologica*, I, q. 114, a. 1-3.

corpo. Consequentemente, a perda da liberdade do homem não pode desembocar senão numa recusa voluntária da sua parte.

O cristão sabe que conserva nele a capacidade de resistir às influências do demónio: nele, por certo, a verdade da fé é o princípio de uma nova liberdade (cf. Jo 8,32-36; Gl 5,1-13). A vitória de Jesus, mediante a Cruz e a Ressurreição, implica o fracasso definitivo de Satanás (cf. Jo 12,31-32). O cristão deve estar consciente que Jesus o fez participante desta vitória (cf. Jo 16,33).

A sua confiança frente aos ataques do diabo baseia-se na graça de Deus, que confere à livre vontade do homem o poder de participar de maneira eficaz na luta vitoriosa de Cristo: «*O Senhor é fiel, Ele os libertará do Maligno*» (2Ts 3,3; cf. At 20,32). «*Se Deus está connosco, quem estará contra nós?*» exclama S. Paulo. E conclui:

«Porque estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Nosso Senhor» (Rm 8,31 e 38-39).

Ali se encontra a certeza indestrutível do cristão. Ele está consciente do trabalho de Satanás no mundo e do perigo que representa (cf. Ef 6,11-12), mas, de forma nenhuma, vive no temor, porque está certo de que em Cristo, seu Senhor e Mestre, o inimigo está definitivamente vencido. Professa a sua esperança, cheio de alegria e confiança, na plena manifestação da glória de Deus e de todos os redimidos que reunirão com Ele na Jerusalém celeste. Nesta espera, esforça-se por estar atento como o dono da casa ou a donzela da parábola que espera o Esposo (cf. Mt 24,37-44; 25,1-13) e por multiplicar os talentos que recebeu como dom, a fim de ser reconhecido como um «servidor bom e fiel», quando o Senhor vier para terminar a sua obra (cf. Mt 25,14-30).

Discernimento e níveis de intervenção da Igreja

O tempo da Igreja é um tempo de crise, de eleição e de combate contra as forças do mal, os «principados» e os «poderes» (Ef 3,10). Apesar da sua derrota, o Tentador continua a colocar obstáculos à realização plena do projeto de salvação de Deus na história. A Igreja está comprometida «na primeira linha», em nome de Cristo e mediante o poder do Espírito Santo, nesse «*teodrama*» segundo a feliz expressão de um teólogo contemporâneo.²³

A missão fundamental da Igreja, nesse «entretanto», é *discernir* a realidade da ação de Satanás dos fenómenos de outro tipo, reconhecer caso por caso essa ação satânica. Pode certamente ocorrer, num campo tão vigorosamente marcado pela polivalência de formas de pensamento mágico, ocultista e supersticioso, que uma pessoa que sofre uma psicopatologia, mais ou menos grave, pense que é vítima de influências ou inclusivamente de possessões satânicas, sem que exista um motivo real, mas unicamente sugestão.

²³ H. URS VON BALTHASAR, *Theodramatica*, 5 vols., Madrid, Encuentro, 1990-1997.

O Ritual dos Exorcismos convida os pastores a usarem da maior prudência para distinguirem *«de maneira justa os casos de assaltos diabólicos e uma certa credulidade que leva algumas vezes os fiéis a pensar que são objeto de malefícios, bruxedos ou maldições, que lhes seriam infligidos por outros. Não se lhes deve negar ajuda espiritual, mas de maneira nenhuma se deve proceder a exorcismos. Convém, contudo, rezar com eles e por eles para que encontrem a paz de Deus»*.²⁴

O próprio Ritual, no número 67, dá indicações muito valiosas a este respeito. É evidente que esse tipo de situações requer *um grande cuidado e uma enorme sabedoria pastoral*. Todo o pedido de intervenção não quer dizer que nos encontremos perante um caso de influência demoníaca. Há que recordar que, assim como existem múltiplas formas de intervenção de Satanás sobre o homem, também existem distintos níveis de intervenção da Igreja.

O exorcismo por si mesmo reserva-se apenas para os casos de possessão diabólica suficientemente provados; são os casos mais graves, mas também os mais raros. Em todas as outras situações, desde a manifestação local até à obsessão e as ações diabólicas, será oportuno recorrer a outras formas de intervenção conhecidas como:

- escutar a Palavra de Deus e o espírito de penitência e de conversão;
- oração pessoal prolongada e jejum, como nos convida a fazer o Evangelho (Mc 9,29);
- orações especiais de libertação, segundo as formas previstas pelo Ordinário, feitas em grupo ou por pessoas que se encarregam disso;
- celebrar os sacramentos e os sacramentais, valorizados segundo o seu significado absoluto.

Essas formas distintas de intervenção são outras tantas formas de atuar da Igreja que intercede pelos seus filhos e derrama a graça de salvação do Ressuscitado no mundo.

«Isso deve ser feito em especial nos casos de ações praticadas pelo diabo contra os batizados, nos quais o mistério de misericórdia parece obscurecer-se de certa forma. Quando se encontram situações deste tipo, a Igreja implora a Cristo, confiando no seu poder, ajuda os fiéis para que se libertem dessas ações diabólicas».²⁵

Ao fiel, vítima dessas ações diabólicas, deve-se exortá-lo, tanto quanto for possível, a rezar a Deus, a praticar atos de mortificação, a renovar frequentemente a sua fé batismal, a celebrar o sacramento da Reconciliação e a fortificar-se na celebração da Eucaristia.²⁶ Essas mesmas exortações devem recomendar-se, ao mesmo tempo, aos seus parentes e aos seus amigos, do mesmo modo à própria comunidade cristã, de modo que a oração e a vida de graça de numerosas pessoas o ajudem e lhe sirvam de exemplo.

²⁴ Ritual dos Exorcismos (RE), n. 14.

²⁵ RE, n. 18

²⁶ RE, n. 11

Os exorcismos

Só depois de ter utilizado todos os meios que a Igreja nos oferece, podemos pensar em recorrer aos exorcismos. Trata-se nesse caso de um verdadeiro sacramental. «A Igreja sempre se preocupou por o regulamentar, especialmente se se realiza sob a forma litúrgica. Nos exorcismos, com certeza, exerce-se o poder e autoridade da Igreja sobre os demónios».²⁷ Esse ministério — na sua forma pública — reserva-se exclusivamente aos bispos, e aos sacerdotes em quem o bispo delegou esse poder.

*«O exorcismo consiste em expulsar os demónios e em libertar da influência demoníaca, e isto mediante a autoridade espiritual que Jesus confiou à sua Igreja. Muito distinto é o caso das enfermidades, sobretudo psíquicas, cujo tratamento pertence ao campo da ciência médica. Portanto, é importante assegurar-se, antes de celebrar o exorcismo, que se trata de uma presença do Maligno, e não de outra enfermidade».*²⁸

Este trabalho de discernimento deve fazer-se com todo o cuidado, mas o próprio exorcismo cumpre em parte esta função em relação aos símbolos que o precedem, que o acompanham e que o seguem.

*«Segundo a prática reconhecida, consideram-se como símbolos específicos: proferir inúmeras palavras num idioma desconhecido ou compreender o que fala; fazer coisas manifestamente estranhas ou escondidas; demonstrar forças superiores à natureza da sua idade ou da sua condição física».*²⁹

Além do mais, estes sinais apenas constituem os primeiros indícios. Devem relacionar-se com os sinais de carácter moral, como a repulsa pelas realidades religiosas, a relação entre o comportamento do sujeito no que respeita à fé e à vida cristã e o fracasso de todas as outras práticas. Note-se que estes sinais devem ser interpretados caso por caso. No plano da catequese, deverá cuidar-se para que os crentes não procurem no exorcismo uma espécie de magia que «serve»: há que os instruir o mais corretamente possível. No plano litúrgico, fazemos nossa a recomendação do ritual que diz que «o exorcismo deve realizar-se de forma que manifeste a fé da Igreja e que nada possa racionalmente ver nele um ato mágico ou supersticioso. Além disso, há que evitar que se transforme num espetáculo para as pessoas presentes ou que se divulgue através dos meios de comunicação social».³⁰

As bênçãos

No quadro da ação sacramental da Igreja, as bênçãos têm um significado muito especial. Se os exorcismos expressam a luta da Igreja contra os poderes do mal, as bênçãos manifestam o esplendor da salvação do Ressuscitado, sempre presente na história como um novo princípio de transfiguração da vida do homem e do cosmo.

²⁷ RE, n. 11

²⁸ Cf. Código de Direito Canónico, can. 1172; Carta da Congregação para a Doutrina da Fé aos Bispos, 29 de setembro de 1985; RE, n. 12; CIC, 1673.

²⁹ RE, n. 15

³⁰ RE, n. 20

«Benzer» é por certo um ato sacramental da Igreja no qual se manifesta a fé na presença ativa do Senhor Jesus. Neste sentido deve valorizar-se o novo *Ritual das Bênçãos*, que oferece uma rica série de fórmulas de bênção das pessoas, dos grupos familiares, das casas e das atividades do homem, para as diversas circunstâncias e situações da vida. Unicamente interessa que o conceito da bênção e o recurso a ela sejam adequadamente compreendidos, evitando a sobreposição ou a colisão entre o pensamento da Igreja e uma mentalidade marcada pela superstição, que pode levar a reduzir a oração de bênção a um ato mais ou menos mágico.³¹

Segundo o conceito bíblico, retomado e recordado na «Introdução» do *Ritual das Bênçãos*, o ato de bênção articula-se num duplo movimento: ascendente e descendente. Deus é Aquele a Quem se bendiz e Aquele que abençoa. O primeiro movimento é o do louvor a Deus, um louvor cheio de reconhecimento e de ação de graças pelas obras admiráveis que realizou para nós, tanto na ordem da criação quanto na da redenção; e é, certamente, Quem primeiro, com toda a serenidade, «*nos abençoou em Cristo com toda a espécie de bens espirituais no céu*» (Ef 1,3). Desta consciência surge o segundo movimento da bênção, o movimento descendente: Deus é que abençoa, a Quem se invoca para que nos dê a sua graça e a sua proteção nas múltiplas situações pessoais, familiares e sociais da vida.

Como diz o *Ritual das Bênçãos*: «*Deus abençoa, por certo, comunicando e anunciando a sua bondade. Os homens bendizem a Deus proclamando os seus louvores, dando-lhe graças, rendendo-lhe o culto e o respeito da sua devoção. Quando se abençoa os outros, invoca-se a ajuda de Deus sobre cada um e sobre todos aqueles que se reúnem em assembleia*».³²

Como sacramental, a bênção supõe uma atitude fundamental de fé para que opere o seu significado e exige uma resposta de vida em relação ao que se celebra por seu intermédio.³³

«Bendizer: dizer bem» (bene-dicere), como o nome o invoca, tanto em hebraico (barak) como em grego (eu-logein), significa «dizer coisas boas» sobre Deus, para que, reconhecendo e implorando a sua ajuda e a intercessão de Maria e todos os santos, possa dar-nos os seus dons, na vivência concreta da nossa existência cristã. Que os sacerdotes, pois, recebam com muita alegria e gosto daqueles que solicitam bênçãos especiais sobre as pessoas e as coisas, mas que tenham a preocupação em cada oportunidade de explicar, minuciosa e claramente, que nenhuma bênção é eficaz sem as disposições requeridas por quem as recebe, começando por renunciar ao pecado. Caso contrário, a bênção corre o perigo de ser esvaziada do seu autêntico sentido, inclusivamente existe o perigo de se assemelhar a um amuleto ou a outros objetos parecidos, ou que se reduza a um gesto contrário à fé e à coerência de vida exigida pelo Evangelho.³⁴

³¹ *Ritual das Bênçãos*, (RB), nn. 8-14

³² RB, n. 5

³³ Veja-se mais detalhadamente: CIC, nn.1667-1770, para os sacramentais, e 1671-1672 para as Bênçãos.

³⁴ RB, n. 15

CONCLUSÃO

A URGÊNCIA DE UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Magia e nova evangelização

A problemática tratada neste documento relaciona-se, em última análise, com a exigência desta «nova evangelização» da qual o Santo Padre, nestes últimos anos, tem sido o testemunho e a voz infatigável. A busca do «mágico», sob as suas diferentes formas, surge de uma necessidade de sentido e de respostas que hoje a sociedade não é capaz de dar, especialmente no aspeto de uma necessidade, em situações de insegurança e de fragilidade crescentes.

Recorrer à magia e às práticas de adivinhação é uma compensação do vazio existencial que caracteriza a precariedade da nossa época. E nesse vazio — que inclusivamente diz respeito aos cristãos que não cresceram numa fé adulta — que se apresenta a urgência de um anúncio cristão e entusiasta do Evangelho e da graça de Cristo.

Só uma redescoberta capilar e ampla do verdadeiro sentido da religião e da fé em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, permite responder de maneira adequada à expansão da magia, sob as suas formas antigas ou recentes, e que se faça luz sobre temas referentes ao discernimento da ação de Satanás no mundo. Há que proclamar novamente, com um vigor renovado, como nos alvares da Igreja, que só Jesus, o Ressuscitado que vive eternamente, é o Salvador. *«E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar»* (At 4,12).

Os «autores de atos de ocultismo» só encontram terreno fértil onde existe ausência, vazio, de evangelização. Devemos recordar-lhes, do mesmo modo que às suas vítimas, como o afirmamos reiteradas vezes nesta Nota, que as suas ações estão desviadas e em contradição absoluta com a verdade e a consistência da fé. Propondo a plenitude da existência cristã, a nova evangelização não deve deixar de fazer um exame de consciência crítico e denunciar essas formas de magia que — a diversos títulos, quer se trate de magia branca quer de magia negra — se opõem ao conteúdo da fé e a um enfoque da vida que corresponde à revelação de Deus confiada à Igreja.

Neste campo são necessárias uma grande atenção pastoral e uma clareza absoluta dos princípios. De maneira positiva, há que voltar a dar o lugar que lhe corresponde a escutar a Palavra de Deus, à celebração dos sacramentos como atos de Cristo e da Igreja, e símbolos eficazes da graça pascal, sobretudo a Eucaristia, fonte e cume de toda a vida dos cristãos. *«Na Santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo; assim são eles convidados e levados a oferecer, juntamente com Ele, a si mesmos, os seus trabalhos e todas as coisas criadas»* (Presbyterorum ordinis, 5).

Nova evangelização e demonologia

No campo da evangelização não se deve de modo absoluto subestimar o primado do mistério de Cristo, da sua morte e da sua ressurreição. A demonologia e os problemas que coloca, ainda que sejam graves, como o destacamos, não representam um *primum* numa visão adulta e integral da fé, e no interior de um conceito correto da hierarquia cristã das verdades. O primado pertence a Deus, à confiança incondicional que lhe é devida, a seu Filho Jesus e ao Espírito Santo que Ele derrama na vida da Igreja, seja mediante a escuta da Palavra de Deus, seja através da celebração dos gestos sacramentais. O primado pertence a Deus e à sua revelação salvadora. Satanás e os demónios não são mais que criaturas, não são um princípio equivalente a Deus, ou paralelo a Ele, ou contrário a Ele. Como seres criados, são absolutamente seres do Criador, submetidos ao seu poder, e não podem de nenhuma maneira dominar a alma do homem e privá-lo da sua liberdade.

O fenómeno da ação de Satanás sobre o homem, atingindo a grave situação da possessão, continua a ser um ato complexo e sempre difícil de interpretar, especialmente no que se refere à sua real identificação. A este respeito pensamos que é útil dar algumas indicações a respeito da ação da Igreja e à caridade pastoral dos sacerdotes:

— que os sacerdotes se ocupem com benevolência das pessoas que se declaram «possuídas» e procurem distinguir as diferentes situações que se lhes apresentam com grande prudência e espírito de sabedoria, na oração e na invocação da luz do Espírito Santo sobre o seu ministério e para esses fiéis;

— nos casos mais graves ou dificilmente compreensíveis, que se dirijam ao seu bispo, que nomeará um delegado, particularmente competente para discernir os sinais da verdadeira possessão e capaz de celebrar a eventual intervenção do exorcismo.

Como sugere o Ritual do Exorcismo, nos casos em que não se está completamente seguro que se encontra perante uma situação real de possessão, que não se faça o exorcismo, limitando-se a outras formas de intervenção, como dissemos atrás. Em todo o caso, deve socorrer-se de especialistas em medicina ou em psiquiatria, preparados cientificamente e profissionalmente considerados. A este propósito seria oportuno pensar em instituir em cada diocese — se ainda não existe — um grupo interdisciplinar de especialistas que colabore, de maneira estável, com o bispo e os sacerdotes do seu presbitério, como um grupo de competência, de conselho e de ajuda no discernimento de cada caso.

Agentes pastorais e nova evangelização

A problemática estudada nesta Nota não diz só respeito a certos casos ou a determinadas pessoas; diz respeito a todos os fiéis e a todos os agentes pastorais. Como tivemos a oportunidade de demonstrar, o fenómeno da magia é mais amplo que o único ato da possessão diabólica e provoca a discussão sobre a própria

identidade do Cristianismo e do anúncio aos homens de hoje. Considerando a expansão destas práticas mágicas, tanto sob o aspeto do ocultismo e do esoterismo, quanto o do sincretismo religioso e dos novos grupos sectários, pede-se aos agentes pastorais que tenham uma consciência real da magia, das tendências de pensamento e das práticas que derivam dela, e das deformações mentais que induz nas próprias pessoas a evangelizar.

A este respeito desejamos:

— que os agentes pastorais, convenientemente formados, façam nos distintos níveis uma obra de evangelização inteligente que previna e prepare os fiéis e os ilumine para os perigos de um conceito errado do Cristianismo, desenvolvendo ao máximo a dimensão positiva e a riqueza do anúncio evangélico em relação com as aspirações e as inquietações dos homens de hoje;

— que os sacerdotes, em particular, tanto na homilia dominical como no exercício do seu ministério de confessores e diretores espirituais, advirtam os fiéis contra o perigo de uma busca imoderada do que é «extraordinário» na fé, e contra uma compreensão infantil da demonologia no conjunto hierárquico das verdades da fé;

— que se preste uma especial atenção à tendência de alguns se deixarem atrair por «aparições privadas» e por fenómenos carismáticos de origem duvidosa: que se lembre que eventuais «manifestações» do Senhor, da Virgem Maria e dos santos, não cabem nas verdades «fundamentais» da fé e que, de todos os modos, devem avaliar-se com extrema prudência: essas experiências conservam um carácter privado e jamais é permitido publicitá-las massivamente ou substituí-las pelo autêntico conteúdo do Credo.

O absoluto e insubstituível senhorio de Jesus Cristo

Ao terminar esta Nota, queremos reafirmar o absoluto e insubstituível senhorio de Cristo não só na vida da Igreja, mas também na própria história do Cosmo e da Humanidade: «Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogénito de toda a criação, porque nele foram criadas todas as coisas, nos Céus e na Terra, as visíveis e as invisíveis, ...tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele existe antes de todas as coisas e todas têm nele a sua subsistência» (Cl 1,15-17).

Só o Senhor Jesus Cristo é o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim (cf. Ap 1,8). Ele, e só Ele, tem o poder e a glória pelos séculos dos séculos (cf. Ap 11,15-18), derrubou o Acusador dos homens e levou a vitória a seus irmãos (cf. Ap 12,10-12).

Ele, e só Ele, proclamou o dom gratuito da água da vida a todos aqueles que obtêm a vitória sobre o mal e sobre toda a forma de «feitiçaria» (cf. Ap 21,6-8).

Aquele que encontrou Jesus Cristo não necessita de procurar a salvação noutra lugar. Ele é o único e autêntico Redentor do homem e do mundo. Desta certeza surge a alegria da nossa fé. Como João, ao longo do caminho da vida, podemos proclamar a doxologia do povo dos redimidos, na esperança de entrar definitivamente na pátria

gloriosa: «Àquele que nos ama e que com o seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus, seu Pai, glória e poder para todo o sempre. Ámen!» (Ap 1,5-6).

23 de fevereiro de 1997

- † Card. SILVANO, Arcebispo de Florença
- † GAETANO, Arcebispo de Sena-Colle Val d'Elsa-Montalcino
- † ALESSANDRO, Arcebispo de Pisa
- † BRUNO, Arcebispo de Lucca
- † ALBERTO, Bispo de Livorno
- † ALBERTO, Bispo de Montepulciano-Chiusi-Pienza
- † GIOVANNI, Bispo de Arezzo-Cortona-Sansepolcro
- † SIMONE, Bispo de Pistoia
- † LUCIANO, Bispo de Fiesole
- † EUGÉNIO, Bispo de Massa Carrara-Pontremoli
- † VASCO GIUSEPPE, Bispo de Pitigliano-Sovana-Orbetello
- † ANGELO, Bispo de Grosseto
- † GASTONE, Bispo de Prato
- † VINCENZO, Bispo Auxiliar de Livorno
- † GIOVANNI, Bispo de Pescia
- † MICHELANGELO, Abade de Monteoliveto

Capítulo I – A MAGIA E AS SUAS FORMAS

Capítulo II – JUÍZO DOUTRINAL DA IGREJA

Capítulo III – MALEFÍCIOS, POSSESSÕES DIABÓLICAS
E INTERVENÇÕES DA IGREJA

Conclusão – A URGÊNCIA DE UMA NOVA
EVANGELIZAÇÃO